



Trecho

“Estamos cada vez mais convencidos de que tentarão nos atacar. Esta noite lançaram uma flecha que passou sobre o acampamento. Para nós seria facilímo afugentá-los. Bastaria a descarga de uma de nossas armas para o ar; mas não queremos que nos tomem por inimigos.”

Os irmãos Orlando e Cláudio: largando empregos burocráticos para uma vida na selva

MARCOS ROSA

LIVROS

Aventura na selva

Em A Marcha para o Oeste, Cláudio e Orlando Villas Bôas contam sua saga em defesa do índio brasileiro

LEO GILSON RIBEIRO

Em 1943, reunidos numa pensão da Vila Buarque, no centro de São Paulo, aqueles três rapazes, os Villas Bôas, concordavam: a saudade do interior era muito grande e a correria da cidade não lhes oferecia nada de interessante. Na Europa uma II Guerra Mundial consumia países inteiros e no Brasil, com a falta de petróleo, os carros andavam com tanques imensos de um combustível chamado gasogênio. Vindos de uma fazenda em Cândido Mota, no interior de São Paulo, Orlando bocejava diante de uma mesa na Esso, onde era escriturário; Cláudio, o mais taciturno dos três, entregava de casa em casa avisos da prefeitura; e o dinâmico

Leonardo carimbava a papelada burocrática de uma firma distribuidora de gás para geladeira. Que pasmeira sem futuro!

Por isso, assim que souberam que o governo federal selecionava “sertanejos rijos” para uma pioneira Expedição Roncador—Xingu, num daqueles remotos cantos do Brasil, apresentaram-se como candidatos. Recusados em São Paulo “por serem gente fina”, rumaram, teimosos, para Barra do Garças, na boca da selva, em Mato Grosso, às margens do Rio Araguaia. Lá, com roupas e sotaques adequados, foram admitidos como meros frentistas de trabalho. Cláudio e Leonardo de enxada na mão. Orlando como

auxiliar de pedreiro. Nem eles poderiam imaginar que se iniciava ali a exaustiva construção de uma heróica epopéia nacional. A “marcha para o Oeste” exigiria quase meio século de suas vidas. Em 1961, ocorreu a primeira e única baixa na saga dos três irmãos. Leonardo morreu aos 43 anos, logo após uma operação, realizada às pressas na capital paulista, para a implantação de uma ponte de safena. Liderando poucos trabalhadores rudes mas destemidos, abririam, com foice e facão, 1 500 quilômetros de picadas na mata virgem, percorreriam 1 000 quilômetros de rios ignorados pelos mapas, semeando em seu trajeto incansável 43 novas vilas, futuras cidades, dezenove campos de pouso para aviões, quatro dos quais se tornariam bases militares e aeroportos de rotas aéreas internacionais.

O livro *A Marcha para o Oeste* (Globo; 616 páginas; 21 reais) conta a história dessa pioneira Expedição Roncador—Xingu. Em 616 páginas pontilhadas de adversidades, Cláudio, 78 anos, e o loquaz Orlando, 80, narram o desafio muitas vezes sobre-humano de abrir artesanalmente, corpo a corpo com a natureza, o território hostil que nos atlas apresentava brancos de ocupação econômica. Era, muitas vezes, o inferno de clima alterna-

de gente abrasador e de chuvas torrenciais, de seis, sete meses de ininterrupto "inverno". Logo se vêem devorados por enxames de mosquitos, jogados na enxerga por 200 surtos de malária, atormentados por abelhas ferozes, muriçocas que se especializam em penetrar nos olhos, moscas varejeiras, gigantescas cobras de 9 a 14 metros, como a sucuri, que laçam um homem ou um boi e lhes esmigalham os ossos para poder engoli-los; por serpentes venenosas que perseguem sua vítima, como a surucucu, contra a qual não há soro antiofídico que anule sua peçonha, além do ataque repentino de onças e piranhas. Para os irmãos Villas Bôas tudo isso "faz parte do jogo", explicam, dando de ombros a tais obstáculos "naturais". O pior era passar fome na selva devido à desorganização e ao desinteresse pela expedição de quase toda a lenta e estúpida burocracia federal instalada com vista para o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, então capital federal.

DÍVIDA — O relato dos autores insiste, páginas a fio, na monotonia dos dias: caça aos macacos, antas e tatus que serão os pitéus a romper a rotina das latas de Corned Beef doadas pelos frigoríficos americanos instalados no Brasil. As doenças prontamente sanadas pela perícia e pelo calor humano do grande médico, sertanista ele também, Noel Nutels. Mas os índios são os pontos mais altos dessa narrativa fascinante, a abertura de um mundo novo, um século depois que nos Estados Unidos linhas férreas já uniam todo o imenso país. Fiéis ao lema humanitário do grande idealista e defensor das populações indígenas desamparadas do Brasil, o marechal Rondon, os Villas Bôas sabiam que o perigoso, ameaçador processo de travar amizade com tribos arredias e ferozes como os tucarramães, os tixiões e os suiás só faria sentido obedecendo-se à exortação: "Matar, nunca; morrer, se necessário".

Além do suspense dos primeiros, incertos contatos, nada há de filme de índio feito em Hollywood nessas centenas de relatos. O índio nunca é considerado menos do que é, sempre foi e será: um ser humano altivo, digno, com o qual todos os brasileiros têm uma dívida que não pode ser saldada nunca: a cessão de seu imenso território para outros povos vindos de outros continentes. O leitor se contagia da filosofia estoica e cristã dos sertanistas: na Ilha do Bananal estão reunidas dezenas de tribos hoje pacificadas, falando cada uma seu idioma, fiéis a suas tradições milenares iniciadas desde a era paleolítica, quando chegaram ao que é hoje o Brasil, conforme comprovam os

testes científicos mais precisos. Há cenas enternecedoras da descoberta estouvada do avião, do fósforo, do facão e sobretudo do filme cinematográfico. Desajeitados para colocar a fita de maneira certa, depois de terminado o primeiro rolo, os desbravadores projetam o filme de cabeça para baixo, o que não perturba minimamente a entusiasmada platéia indígena: de bom grado, imediatamente todos se põem de ponta-cabeça para seguir a trama, ao som de aplausos, gritos de alegria e ruídos de numerosas araras e papagaios, macacos e cachorros.

SEPARAÇÃO — Acuados pelos "civilizados" cúpidos, que não hesitam, em certos casos, em lhes servir bolos envenenados durante festas enganosas de "confraternização", sempre os índios foram uma quantidade nem mesmo insignificante mas confessadamente inexistente para as autoridades, desde os tempos coloniais até hoje em dia. Os índios, verificam com mágoa os irmãos Villas Bôas, não têm lugar na sociedade brasileira. Chegam a cometer suicídio quando a catequese imposta pelos missionários católicos e protestantes faz desmoronar o seu mundo tribal e os fantasmas e deuses que povoam a sua cultura religiosa. Eles crêem na imortalidade da alma, mas de forma diferente da proposta pelo Vaticano e pelas seitas evangélicas.

Os indígenas, afirmam os Villas Bôas, estão até abaixo do nível das favelas: não existem, não votam, constituem os



derradeiros párias de nossa pirâmide social, política, econômica, cultural. Os Villas Bôas partilham da tese dos comandantes militares brasileiros segundo a qual, em boa parte, as missões religiosas cristãs americanas espalhadas pelo vasto território dos ianomâmis de hoje são a forma de industrializar essa tribo a mais tarde pedir à ONU a sua separação do Brasil. Para quê? Porque na terra dos ianomâmis se escondem as maiores reservas mundiais do minério do século XXI: a alexandrita, incorrosível, inquebrável e capaz de ajudar até na colonização humana de Marte.

Nenhum leitor dessa epopéia de abertura de matas virgens no Brasil Central e de defesa de tribos indígenas será capaz de deixar esse livro sem um premente sentimento de culpa coletiva. Afinal, o "civilizado" escravizou os índios, usurpou suas terras e depois trouxe o negro africano para trabalhar. Alguns etnólogos dizem que os Villas Bôas querem manter as tribos num zoológico humano. Eles insistem, ao longo de seu livro, que na nossa sociedade não há lugar para o índio. Negam que ele seja indolente: só se rebelava contra a escravização. Todos os documentos e fotos dessa *marcha* — salvo os que integram o livro, pertencentes ao arquivo pessoal dos Villas Bôas — foram destruídos em 1979 pela Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste. Que epitáfio mais eloquente para ver como é difícil encontrar um lugar para o índio entre nós? ■

OS MAIS VENDIDOS

FIÇÃO

- 1 - **Olho Mágico**, N.E. Thing Enterprises (1-8)
- 2 - **Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei**, Paulo Coelho (2-8)
- 3 - **O Punho de Deus**, Frederick Forsyth (3-8)
- 4 - **Do Amor e Outros Demônios**, Gabriel Garcia Márquez (4-6)
- 5 - **Nada Dura para Sempre**, Sidney Sheldon (6-2)
- 6 - **O Selvagem da Ópera**, Rubem Fonseca (7-5)
- 7 - **Tudo pela Vida**, Danielle Steel (2*)
- 8 - **O Cliente**, John Grisham (5-4)
- 9 - **O Rabino**, Noah Gordon (9-4)
- 10 - **O Chalaça**, José Roberto Torero (10*)

NÃO FIÇÃO

- 1 - **Chatô — O Rei do Brasil**, Fernando Moraes (1-8)
- 2 - **Anjos Cabalísticos**, Mônica Buonfiglio (2-15*)
- 3 - **Minutos de Sabedoria**, Torres Pastorino (4-27*)
- 4 - **O Sucesso Não Ocorre por Acaso**, Lair Ribeiro (5-110*)
- 5 - **Prosperidade**, Lair Ribeiro (6-87*)
- 6 - **Viajando no Tempo**, Lair Ribeiro (5-5)
- 7 - **Comunicação Global**, Lair Ribeiro (8-109*)
- 8 - **Sebastiana Quebra-Galho**, Nenzinha Machado Salles
- 9 - **Você Pode Curar Sua Vida**, Louise Hay (10-131*)
- 10 - **Ouvindo o Prozac**, Peter D. Kramer

Fontes: Livrarias Cultura, Saraiva (SP); Argumento, Curio, Francisco Alves, República, Saraiva, Siciliano (RJ); Quivider-Savassi, Pax, Van Damm (MG); Ghignone, Saraiva (PR); Kosmos, Sulina (RS); Aeroporto, Almeida Freitas (BA). Os números entre parênteses indicam: a) colação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista; (*) semanas não consecutivas. Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.